



AUGUSTO DE CAMPOS E ESPAÇOS

Gabriel Chalita¹

*"o que acresce
resta
(nos sentidos)
ainda que mínimo
(húbris do mínimo que resta)"*
(Haroldo de Campos)

*"– Este senhor-menino, que
habita no meu paço
entre arcos que exala um sonho
e outro, é um sonho
primordial do olvido em
recordar-me."*
(Décio Pignatari)

"A poesia resiste, apesar de tudo", com essas palavras, o poeta Augusto dos Campos se pronunciou, em 2015, ao receber o Prêmio Ibero-Americano de Poesia Pablo Neruda 2015, no Palácio de La Moneda, sede do governo chileno, pelas mãos da presidente Michelle Bachelet. Pela 1ª vez, o prêmio era concedido a um escritor de língua portuguesa. Nosso poeta, criador do Concretismo em nossa literatura, completará 90 anos em 2021. Dono de uma personalidade ousada e criativa, Campos continua inovando, poetando, quase diariamente, em suas redes sociais, e encantando pela forma com que traduz a vida, a alma humana e as cenas políticas. Ora nos presenteia com sua arte, ora homenageia as outras artes de poetas outros.

Mesmo afirmando ser bastante reservado, avesso a entrevistas e aparições, justificando que "não tem nada a dizer, tudo está dito", o poeta que enfrenta a

tela fria, continua aquecendo nossas emoções. Não importa como ele nos vem. Importa que a poesia resiste e existe, apesar de tudo.

A verdade é que, aos 90 anos, o poeta ícone do concretismo, o tradutor criativo, ensaísta crítico, o artista das mais variadas dimensões, é ainda o jovem inquieto, dos anos 50, que se atirou, ousado, na seara da arte literária.

Bem jovem ainda, aos 20 anos, o paulistano Augusto Luís Browne de Campos, estudante do Largo do São Francisco, entrou para a história de nossa literatura com o livro **O Rei Menos o Reino** – título homônimo do poema que já demonstrava seu gosto pela musicalidade, pelas formas, pelas imagens e movimentos e por todas as possibilidades da palavra. Era um livro de poemas bem ajustado ao lirismo formal, a temática algo ressoante da Geração de 45, as imagens fantásticas e diáfanas e sinestésicas do Surrealismo. Campos apresentava pouco da busca dos poetas da 3ª geração do modernismo pela estética do Parnasianismo e muito da ideia de que a arte era a palavra, explorada de todas as formas. E, ainda, a tendência à sondagem psicológica bastante forte na prosa de Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. A transição na forma e conteúdo da poesia, desta época, é evidente em sua 1ª obra. Ali já se anunciava a marca do escritor de vanguarda que buscava existir para além do que a poesia, até então, permitia. Seus versos contrariavam a tradicional linearidade. As palavras avançavam para a espacialidade. Avizinhava-se a ruptura, consolidada, um ano, depois, na formação do trio concretista com os irmãos Campos (Augusto e o irmão Haroldo) e Décio Pignatari.

Fundaram os três, o grupo Noigrandes - *enoi* (tédio) e *gandres* (proteger) - mesmo nome dado à revista que passaram a editar. Surgia, assim, o Concretismo, movimento que defendia a ruptura com o habitual, que pretendia sair do tédio, vivificar as palavras para além do seu sentido, fugir da leitura tradicional da poesia, significando sons e espaços. Afinal, para que manter o verso preso à sua rigurosidade, quase como ordenados em fila, em ordem direta e convencional? Que as palavras fossem soltas e que todas as possibilidades fossem criadas e permitidas. Defesa à criatividade, à invenção, ao desvelar de novas formas, dos sentidos, das cores, do branco das páginas. Que os versos ousassem ser gráficos de palavras, arte de iconicidade. Era a Poesia Concreta que chegava para movimentar a ordem literária.

Ressalte-se que a nova não-ordem poética, ou a “menos poesia”, como Campos gosta de nomear, vinha em um cenário de uma São Paulo agitada pelas artes e movimentos de vanguarda europeias do período pós-guerra, em meio a um processo de redemocratização do país, com as manifestações artísticas brasileiras em ebulição, museus e teatros sendo criados, ecoando as “ordens” ditadas na Semana de Arte Moderna, misturadas às expressões literárias mais nacionalistas ou mais contidas das 2ª e 3ª gerações. E mais as inovações surpreendentes de semântica e sintaxe de Guimarães Rosa, a narrativa não-linear de Lispector, a engenharia poética de João Cabral e a genialidade de tantos outros; enfim, a cena literária era um mosaico de expressões e impressões da arte da palavra. E, em meio a esse celeiro genial de formas e conteúdo, nascia nosso poeta ícone da Poesia Concreta. “*Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas / Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços*”, canta Caetano em sua música **Sampa**, em referência aos Irmãos Campos.

Ainda recorrendo à mesma canção, é certo que “*à mente apavora o que ainda não é mesmo velho / Nada do que não era antes quando não somos mutantes*”. E o trio concretista estremeceu escritores, críticos, imprensa, leitores e a todos, com sua irreverência e experimentos poéticos. Era uma sociedade formada na tradição e a maior parte dela rejeitava os radicalismos do Modernismo. Conviviam, no momento, diversas vertentes literárias: parnasianismo, surrealismo, modernismo, nacionalismos, antropofagismo e tudo mais. Tudo o que chegava para abalar o conforto do já conhecido assustava, provocava negação. O movimento concretista sofria com a ferocidade da crítica e com a hostilidade dos que apontavam o concretismo como um arroubo inconsequente da jovialidade da tríade concretista. Ou até mesmo com um pouco da ignorância literária da sociedade. Além de permitir à poesia a ocupação de espaços, os concretistas trouxeram luz a versos esquecidos ou excluídos de poetas nossos que ficaram esquecidos no tempo. Resgataram do esquecimento Sousândrade, Gregório de Matos, entre outros, e até mesmo Oswald. A poesia concreta nunca foi menos ou menor, cresceu, transcendeu limites geográficos e temporais. E permanece. Viva. Presente. Mais. Invadindo e conquistando outros campos e espaços. Diz Augusto de Campos, em uma de suas raras entrevistas:

Tendo a ver a poesia como um anticorpo ou um corpo
estranho, que contesta a automatização da linguagem

cotidiana. Contesta-a não com a pretensão de substituí-la ou destruí-la, mas para criar espaços de liberdade para a imaginação humana, momentos-luz em que a expressão humana pode liberar-se das amarras que a constroem ao código contratual. Contesta-a para ressensibilizar as pessoas, embotadas pela preguiça e pela padronização repetitiva a que as submete a comunicação de massa. Alguém tem de criar esses espaços que quase já não existem mais. Esse é papel do poeta, voz minoritária, marginalizada em “reservas” ou “guetos”, mas resgatada hoje pela internet, que reúne e multiplica os “catacumbicos”, quebrando as regras do jogo, e ensinando o que chamo de “comunicação interguêtica”, nos seus blogs e sites de poesia e literatura.

É notável a presença de Augusto de Campos no espaço internético. Mas seria inimaginável a ideia de que a ousadia e o arrojo, típicos da juventude, do poeta se restringiriam aos seus 20 anos, quando se arriscou na seara poética. Aos 90 anos, tudo nele persiste. Ora! A mente de um poeta não endurece com o tempo. O corpo é matéria que os anos castigam, mas as ideias, os sonhos, a genialidade não sucumbem à fugacidade da vida. A arte é augusta. Sua expressão não é fugidia. Campos é, para sempre, vanguarda. Quanto mais resiste a críticas e incompreensões, mais a menos poesia permanece. Se os sonhos da tríade concretista extrapolavam o verso, a emoção, a palavra, eles se tornaram, sim, concretos. *“Só o tempo dirá se fui ‘mais’ ou ‘menos’”*, diz Campos. A menos poesia já é mais, poeta.

ⁱ É professor e escritor. Tem dois doutorados – em Comunicação e Semiótica e em Direito; e dois mestrados – em Sociologia Política e em Filosofia do Direito. É professor na PUC/SP, na Universidade Mackenzie e no IBMEC. É membro da Academia Brasileira de Educação e da Academia Paulista de Letras – SP.